

"Desenvolvimento"



1

Começo por afirmar q̄ objectivo de "plena integração das mulheres no processo de desenvolvimento", indicado na Estratégia p̄ a II década int. do Des.^{to} não tem q̄ interesse nem q̄ viabilidade.

Não tem interesse p̄ tal Estratégia aceita os dados existentes, fazendo as-
sentar o progresso dos países sub-desen-
volvidos, em grande parte, na ajuda
dos países ricos. Ora tal via já provou
ser um ~~total~~ ^{Fundação Cuidar o Futuro} ~~completo~~ ^{boycott} ~~boycott~~ ^{uma vez}
q̄ permite a utilização dos recursos dos
países pobres e larga margem de lucro
p̄ os países ricos (cf. Tibor Mende, "De l'aide
à la récolonisation"). - Neste contexto, as
m̄s não estão ~~interessadas~~ ^{empenhadas} em protegerem
os interesses dos poderes estabelecidos ao
plano internacional, ainda q̄ cob a capa
da sua "promoção" e plena integração
no processo de des.^{to}. A sua recusa,
o seu boycott activo e o + importantes
p̄ a humanidade do q̄ um lugar obtido

complacientemente no desenvolvimento ²
tradicional e auto-destruidor definido
na Estratégia e seguido na grande
maioria dos países sub-desenvolvidos.
Portugal não é excepção a esta situação
geral dos países sub-desenvolvidos.



Não dispõe de recursos pp naturais
o torna ainda + vulnerável do q̄ a
maioria dos países sub-desenvolvidos
às pressões q̄ conduzem à dependência
económica.

Por outro lado, a revolução ainda
não conseguiu formular uma política
económica q̄ supere os vícios e os
métodos desenvolvimentalistas (p.ex.,
conceito de planeamento económico, aceite
da crítica de projectos de capital
intensivo, etc.) nem q̄ esteja livre
dos slogans e das etapas aparente/
ideológicas q̄ conformam a revolução
a um certo modelo socialista.

(p.ex., as nacionalizações como etapa
p.º o socialismo, a tomada de poder
dos trabalhadores (manuais, etc.).)

A "Declaração relativa à instauração ³
duma nova ordem económica internacional",
aprovada na Ass. extraordinária da ONU em
9 de Maio de 74, aponta para algumas coordena-
das q̄, a quem aceites em Portugal,
poriam em questão muitas decisões
tomadas até agora. São exemplos alguns
aspectos a q̄ me vou referir.



Terá o País "posto fim ao desperdício
dos recursos naturais, nomeada / dos
produtos alimentares" ^(alín. 71)? Como está a
ser reformulada a economia de um
país q̄, assentando na produção
dos pequenos produtores, perde uma
carga económica considerável nos
circuitos intermediários e acaba por
ter de vir a praticar o contrário de
"uma política de verdade", concedendo
subsídios ao produtor q̄ vêm benefi-
ciar indistinta / ^{ou consumidores} pobres e ricos, numa
sociedade em q̄ essa distinção ainda
existe? Onde estão as normas mínimas
a adoptar no domínio da
indústria hoteleira, restringindo a

escolha, assegurando a qualidade ⁴
e evitando, de facto, o desperdício?
Onde está o levantamento sistemático
e ordenado dos recursos naturais,
avaliado de forma técnica correcta
e não apenas à base dos slogans
"anti-latifundiários" e "anti-monopó-
listas"? Quais são, de facto, os
recursos naturais do País em pro-
dutores alimentares na diversidade
das suas regiões climáticas e
da sua estrutura organizativa. *Defpon*
tina? Fundação Cuidar o Futuro



Durante séculos os r̄s trabalharam
a terra e tentaram métodos de conservação
dos produtos alimentares. Nos últimos
15 anos o êxodo dos r̄s, provocado pela
guerra e pela emigração, levou-as
a quem pratica/ os únicos centros de
decisão sobre o aproveitamento dos recur-
sos naturais e nomeada/ dos produtos
alimentares. Como ouvir a sua voz?
Como "fazer o país" à base da expe-

ciência destas ms? Como traduzir ⁵
uma actividade intuitiva, não racio-
nalizada, em normas económicas?



Fundação Cuidar o Futuro